

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: Amaz. / Internac.

Data: 08/07/94

Pg.: 136

Quando a Amazônia for invadida

Neilton Cruvinel

Não é novidade o desejo das nações poluidoras, no caso os países do primeiro mundo, de tomar conta da Amazônia, em nome da defesa do pulmão verde e isto desde 1950, no complô de Genebra, Haya e outras sedes. De lá para cá, muitas desculpas têm sido inventadas para justificar a invasão internacional e o abocanhamento daquela vasta região florestal.

Primeiro, eram as queimadas que iam tornar a Amazônia um grande deserto, um novo Saara. Não deu certo por que ela é percentualmente pequena para os padrões mundiais e vem diminuindo e isso está provado. Ai inventaram o efeito estufa. Também não deu certo porque ficou provado que a devastação da camada de ozônio é causada em mais de 95% pelo progresso industrial, pelos veículos das grandes metrópoles, seus refrigeradores e gases e fumaças poluidores. Foi mais um tiro no escuro.

Nova tentativa, desta feita em defesa dos direitos indígenas. E desta vez a coisa pode vingar. É claro que os índios devem ter suas terras, pois são os donos primitivos das Américas. No Brasil, não são tantos, menos de 300 mil em habitat e comportamento típicos. Há os mestiços e outros, porém estes fazem parte dos 112 milhões de pobres miseráveis que temos, neles incluídos 32 milhões que estão em estado de absoluta miséria, sem ter sequer o que comer no dia a dia. Os pobres não têm suas terras como também não têm nem casa - que não precisa ser de mais de 50m² - esses tais 112 milhões de brasileiros de segunda categoria.

Essa nova investida pode prosperar porque demarcaram as terras dos Yanomames sem obedecer margem de segurança de fronteira e tão grandes elas o são que nelas cabem muitos países europeus juntos. Um prato feito! Agora é só proclamar a República dos Yanomames e a República Independente da Amazônia, estando esta já nos jornais, que o Tio Sam manda o John Wayne e a 7ª Cavalaria garantir a independência. E lá ficará até o fim do terceiro milênio.

Aliás, depois do fim das rússias unidas o Tio Sam virou xerife do Mundo, o grande protetor. Trocou-se a política da autodeterminação do pós guerra nos anos cinquenta pela intervenção pacificadora, à la Paz Romana (quase). Já se vem treinando no caso de Granada, do Panamá, da Somália, do Iraque e tantos outros. Sempre acreditei que estávamos seguros como quintal deles. Enganei-me. Aqui não vai haver a divisão tipo Coreia ou Vietnam, será uma simples conquista no estilo do velho oeste, anexando ou formando territórios, como no México. E para despistar incentivaram separatismos tidos tupiniquins, sempre idiotas, mas que servem ao propósito, via do ufanismo mentecapto de seus líderes.

Havia a hipótese, no passado, de se fabricar um vietnam sulamericano, acomodando em diversos países os interesses das grandes potências, terminando com o continentalismo do solo brasileiro. Não vai ser preciso. Tudo mudou, temos o xerife, os marines e os precisos aviões, aliados ao comando econômico, FMI no meio, e não parece haver salvação. E se a televisão, como já ocorreu em outros assuntos, achar tudo uma boa, o brasileiro telespectador, macaco de auditório, vai babar e aplaudir. Contudo, ainda resta o patriotismo de uma parte da sociedade civil, não comprometida com o lucro fácil, e das Forças Armadas, estas isoladas porém presentes quanto às preocupações da fronteira e manobras alienígenas na Amazônia e afins. Mas há uma vantagem, desbrasilizada a Amazônia vai valer ouro, com minérios à vontade, petróleo, plantas para medicina e será o pulmão e o celeiro do mundo. Pena que vamos ficar chupando o dedo. Entregou geral!

Entretanto, há um alento: o Governo Federal vai gastar 600 milhões de dólares para proteger as fronteiras, o espaço aéreo e direcionar a ocupação da Amazônia. É pouco dinheiro para tamanha tarefa, mas é um começo e fará marca na história do Brasil. E a ameaça da bota já está nas manobras em países vizinhos. Espera-se que a catástrofe não ocorra.